

## EMPREENDEDORISMO EM ÁFRICA: A DERRADEIRA ESPERANÇA?

DESDE A PUBLICAÇÃO DA COMPILAÇÃO homônima por Spring & McDade (1998), o Empreendedorismo Africano tem sido reconhecido pelos académicos das ciências sociais como um fenómeno de crucial importância para o desenvolvimento do continente.

Entre as várias divisões possíveis, a literatura do empreendedorismo separa-o em dois grandes grupos: “empreendedorismo de oportunidade” e “empreendedorismo de necessidade”<sup>1</sup>. O empreendedorismo de oportunidade, também chamado de ‘empreendedorismo produtivo’, baseia-se na criação e lançamento de empresas (inovadoras) a partir da identificação de oportunidades (económicas) de mercado enquanto que o empreendedorismo de necessidade é basicamente o autoemprego em atividades simples, nomeadamente comércio, sem grandes ambições de crescimento.

Nos países africanos menos desenvolvidos, o empreendedorismo de necessidade é claramente dominante e é sinónimo de economia informal e de *poverty alleviation*<sup>2</sup>.

De acordo com Ács & Varga (2005), o empreendedorismo de oportunidade tem um significativo impacto positivo no desenvolvimento enquanto que o empreendedorismo de necessidade tem um impacto praticamente nulo.

Assim, cada vez mais países africanos procuram no empreendedorismo de oportunidade, baseado na inovação, a derradeira esperança para as suas legítimas aspirações de desenvolvimento (económico e social). Os tech-hubs de Kigali (Ruanda), Harare (Zimbabué) e Acra (Gana), documentados por Friederici (2017) revelam um novo itinerário no empreendedorismo de oportunidade em África. Um itinerário menos dependente de recursos naturais controlados centralmente por atores governamentais que não tiveram os resultados desejados ou de uma diversificação económico-industrial que demora décadas a dar resultados palpáveis e que exige volumes de capitais que esses países não detêm e que aumenta dramaticamente a sua dependência externa.

### Empreendedorismo de oportunidade em África

O Global Entrepreneurship Monitor (GEM), organismo internacional que estuda o empreendedorismo no mundo de forma sistemática há duas décadas, tem revelado nos últimos anos que existe uma forte pré-disposição em África para o empreendedorismo de oportunidade, mas que o mesmo não é suportado por capacidades inovadoras endógenas<sup>3</sup>, redundando na impossibilidade de se explorar esse potencial.

O corpo de conhecimento que oferece uma perspectiva sobre a dinâmica do empreendedorismo

de oportunidade na África subsariana é curto. Tal como referido por Dana & Ratten (2017), o campo do empreendedorismo internacional – particularmente no contexto africano – permanece vazio de investigação sobre os processos relativos à identificação de oportunidades, especialmente os baseados na inovação.

No entanto, algumas variáveis fortemente correlacionadas com o desenvolvimento do empreendedorismo (em África) estão identificadas e começam a ser investigadas. Em particular, adquirem importância especial no continente a intervenção da política e do ambiente institucional<sup>4</sup>, assim como o papel das organizações locais e das organizações internacionais.

As “organizações” são não só as empresas, mas também as ONGs, as fundações e as organizações do terceiro setor em geral. O ambiente de *doing business* da maioria dos países africanos revela que considerar apenas as empresas é insuficiente para a compreensão do fenómeno<sup>5</sup>.

Nalgumas sub-regiões, como a África Ocidental, alguns estudos de caso experimentais têm sido conduzidos no intuito de se avaliar o papel das empresas estrangeiras no desenvolvimento local. Estes estudos revelaram o papel positivo de estratégias *Bottom of Pyramid (BoP)*<sup>6</sup> no desenvolvimento subsequente de inovações por empreendedores locais.

“ Cada vez mais países africanos procuram no empreendedorismo de oportunidade, baseado na inovação. ”

Do ponto de vista metodológico, Karatas-Ozkan *et al.* (2014) aconselha a utilização de abordagens pós-positivistas pois estas oferecem a oportunidade de se examinar as subtilidades do empreendedorismo enfatizando um conjunto de dimensões e das suas interações. Essas abordagens pós-positivistas podem revestir a forma de *frameworks* combinando construtos qualitativos e quantitativos, como os que podem ser encontrados na literatura francófona, chamados “modelos dialogantes”<sup>7</sup>.

### Fundamentação teórica e empírica

A relação entre o empreendedorismo e o crescimento económico tem sido estudada extensivamente observando-se uma certa divergência de resultados.

Ndulu *et al.* (2007), entre outros, relembra o fundamento para se estabelecer um nexo de causalidade entre empreendedorismo e crescimento económico através da relação entre investimento

e crescimento económico. A relação entre investimento e crescimento económico é, independentemente das circunstâncias, uma relação básica e muito conhecida e tem sido amplamente estudada em ambas as suas componentes, pública e privada.

Também estudada é a importante relação entre empreendedorismo e desenvolvimento económico, que é indiretamente gerado pelo crescimento económico e que resulta da atividade empreendedora, pela criação de emprego, pela adoção de inovações tecnológicas assim como pela diminuição da pobreza, como lembrado em Brixiova (2010).

Neste contexto, sendo a criação de empresas a parte visível do processo de investimento privado, interno e externo, compreender o verdadeiro impacto do empreendedorismo na economia requer a identificação das variáveis que impactam o desenvolvimento do próprio empreendedorismo e a sua influência relativa na atividade económica. Ndulu *et al.* (2007) considera as variáveis seguintes: contexto institucional, político e regulatório; legislação sobre a atividade económica; qualidade e adequação das infraestruturas; estabilidade macroeconómica; proteção da propriedade industrial; qualidade do sistema financeiro.

Estas variáveis são, de facto, críticas para a compreensão do empreendedorismo dada a sua influência no nível de risco dos investimentos. Por causa disso, em muitas economias africanas há uma prevalência de empreendedorismo replicativo, de menor valor-acrescentado quando comparado com o empreendedorismo inovador, de maior risco mas também de maior valor-acrescentado<sup>8</sup>.

A conclusão-chave é que a qualidade do ambiente de investimento é, no geral, insuficiente em África por causa do mais elevado custo de *doing business* do mundo.

Os custos de energia, de transporte, de telecomunicações e segurança, estão entre os que mais negativamente afetam as empresas. Mas também os custos alfandegários, os alvarás e os licenciamentos têm um peso excessivo, assim como a necessidade de sistemáticos pagamentos “não-transacionais” para que as pequenas dificuldades do dia-a-dia sejam resolvidas.

Ndulu *et al.* (2007) revela uma investigação interessante sobre as origens do empreendedorismo africano, comparando empreendedores indígenas (ou locais) com empreendedores não-indígenas (ou estrangeiros) da Ásia, Médio-Oriente e Europa.

A primeira conclusão é que as empresas indígenas são, em média, mais pequenas do que as estrangeiras e que, ao mesmo tempo, elas arrancam mais pequenas. Estas diferenças de dimensão aumentam ao longo do tempo.

O nível de escolaridade dos fundadores ajuda a explicar as diferenças de tamanho entre as empresas indígenas à data da constituição, numa associação linear. A diferença de tamanho é estável ao longo do tempo.

As linhas de crédito também são mais acessíveis às empresas estrangeiras do que às locais, sugerindo uma maior dificuldade destas ao nível da credibilidade e da competência.

Estes resultados indicam também a ausência de redes comerciais nas comunidades locais africanas. Como os sistemas de justiça são no geral frágeis, é extremamente difícil para uma pequena empresa africana atingir o mesmo ritmo de desenvolvimento que um empreendedor estrangeiro, asiático, árabe ou europeu.

A última conclusão é que o difícil acesso a informação afeta mais seriamente os empreendedores africanos do que as dificuldades de acesso a capital, fator em decréscimo de importância dado o aumento exponencial do acesso à internet verificado em África nos últimos anos.

“  
A qualidade do ambiente de investimento é, no geral, insuficiente em África.  
”

Brixiova (2010) acentua a importância de se ter uma melhor compreensão sobre o impacto da falta de capacidades no empreendedorismo africano, tanto ao nível dos fundadores como dos restantes recursos humanos, uma vez que é relativamente grande o conhecimento sobre outras variáveis que o impactam negativamente, tais como: acesso ao crédito, ambiente de negócios, constrangimentos infraestruturais e acesso à informação.

No que se refere às competências, e sendo a qualidade dos recursos humanos a variável mais crítica para o desenvolvimento do empreendedorismo de oportunidade, Brixiová et al (2015) acentua a importância de um fator relacionado com enorme impacto negativo: uma taxa de desemprego jovem crescente em várias economias africanas, paradoxal tendo em conta o padrão de crescimento económico verificado recentemente no continente.

Ekekwe (2016) identifica um crescimento significativo (exponencial?) do empreendedorismo africano, pelo menos nalguns países como a Nigéria, Quênia, Senegal, Ruanda e Gana.

Entre outras razões para este aumento da atividade empreendedora está a recente crise económica originada pela queda abrupta do preço do petróleo e a conseqüente necessidade de ambos os atores públicos e os privados efetuarem transações comerciais em moeda local, por causa da crise nas taxas de câmbio em que muitos países africanos caíram.

Finalmente, Klingebiel & Stadler (2017) identificam três fatores que deveriam levar a um crescimento do empreendedorismo em África: (i) foco no *top of the pyramid*, por oposição ao carac-

terístico da economia informal; (ii) controlo dos fatores de produção e (iii) inovação nos sistemas e canais de distribuição (e não nos apenas nos produtos).

Relativamente ao primeiro fator, os autores aconselham os empreendedores a combinar o desenvolvimento de produtos de design africano com padrões de qualidade de produção internacionais como meio de atingirem os consumidores de classe média-alta. A ideia é transcender as fronteiras nacionais criando a base de futuras estratégias de internacionalização, que são raras no atual contexto do empreendedorismo africano.

Relativamente aos fatores de produção, os autores poem em evidência a importância do controlo de terra e de outros fatores de produção básicos, como a logística, dadas as limitações ao nível da distribuição local e as dificuldades crescentes de importação por restrições cambiais.

Relativamente ao terceiro fator, este trabalho põe em evidência que os constrangimentos de distribuição continuam a ser os problemas mais significativos em África por causa das grandes disfunções existentes e da inexistência de infraestruturas fundamentais. Sugere-se que os empreendedores olhem para vias inovadoras de utilização de tecnologias emergentes, como drones, para ultrapassar essas limitações. ■

#### Notas

<sup>1</sup> Hilson, G. & Hilson, A. & Maconachie, R. (2018). «Opportunity or Necessity? Conceptualizing Entrepreneurship at African Small-Scale Mines». *Technological Forecasting & Social Change*, 131 (6): 286-302.

<sup>2</sup> Brixiova, Z. (2010). «Unlocking Productive Entrepreneurship in Africa's Least Developed Countries». *African Development Review*. 22 (3): 440-451; e Brixiová, Z. & Ncube, M. & Bicaba, Z. (2015). «Skills and Youth Entrepreneurship in Africa: Analysis with Evidence from Swaziland». *World Development*. 67 (1): 11-26.

<sup>3</sup> Pereira, R. & Maia, R. (2018). «Entrepreneurship in Africa: An Exploratory Analysis Using Data from the Global Entrepreneurship Monitor (GEM)». *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 9 (2), 109-123.

<sup>4</sup> Pereira, R. & Maia, R. (2019). «The Role of Politics and Institutional Environment on Entrepreneurship: Empirical Evidence from Mozambique». *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 10 (1), 98-111.

<sup>5</sup> Auplat, C. (2006). «Do NGOs influence entrepreneurship? Insights from the developments of biotechnologies and nanotechnologies». *Society and Business Review*. 1 (3): 266-279.

<sup>6</sup> Payaud, M.A. & Martinet, A.C. & Amoussouga, F.G. (2014). «La Contribution de la RSE aux Objectifs d'un Développement Durable de l'ONU – Cadre d'Analyse et Propositions pour les Pouvoirs Publics des 'Pays les Moins Avancés'». *Revue Française de Gestion*. 245: 133-158.

<sup>7</sup> Martinet, A.C. & Payaud, M.A. (2010). «La Stratégie BoP à l'Épreuve des Pauvretés – Une Modélisation Dialogique». *Revue Française de Gestion*. 208: 63-81.

<sup>8</sup> Adusei, M. (2016). «Does Entrepreneurship Promote Economic Growth in Africa?». *African Development Review*. 28 (2): 201-214.

#### Bibliografia geral

Ács, Z.J. & Varga, A. (2005). «Entrepreneurship, Agglomeration and Technological Change». *Small Business Economics*. 24 (3): 323-334.

Dana, L.P. & Ratten, V. (2017). «International entrepreneurship in resource-rich landlocked African countries». *Journal of International Entrepreneurship*. 15 (4): 416-435.

Ekekwe, N. (2016). «Why African Entrepreneurship is Booming». *Harvard Business Review*, 94 (7): 2-4.

Friederici, N. (2017). *Innovation Hubs in Africa: Assemblers of Technology Entrepreneurs*. Unpublished PhD Dissertation. Oxford Internet Institute, University of Oxford.

Karatas-Ozkan, M. & Anderson, A.R. & Fayolle, A. & Howells, J. & Condor, R. (2014). Understanding Entrepreneurship: Challenging Dominant Perspectives and Theorizing Entrepreneurship Through New Postpositivist Epistemologies. *Journal of Small Business Management*, 52(4): 589-593.

Klingebiel, R. & Stadler, C. (2017). «3 Things Driving Entrepreneurial Growth in Africa». *Harvard Business Review*. 95 (2): 2-4.

Ndulu, B. & Chakraborti, L. & Lijane, L. & Ramachadran, V. & Wolgin, J. (2007). *Challenges of African Growth – Opportunities, Constraints and Strategic Directions*. The International Bank for Reconstruction and Development, World Bank, Washington DC.

Spring, A. & McDade, B.E. (eds.) (1998). *African Entrepreneurship – Theory and Reality*. Gainesville, FL: University Press of Florida.